

**MANOEL
DE BARROS
MATERIAL
DE POESIA**

ALFAGUARA




Copyright © 1974, 2019 by herdeiros de Manoel de Barros

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa
de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Organização das fotos e documentos
Martha Barros

Curadoria
Italo Moriconi

Capa, projeto gráfico e editoração eletrônica
Regina Ferraz

Imagen de capa
Martha Barros, *Matería de Poesia*, 2017, acrílico sobre tela com colagens,
35 x 32 cm, reprodução de Jaime Acioli / Coleção particular

Créditos das imagens
As fotos e documentos reproduzidos no livro pertencem ao acervo pessoal
do autor.

Textos de contracapa e orelha
Italo Moriconi

Revisão
Marina Nogueira
Angela das Neves

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Barros, Manoel de, 1916-2014
Matería de poesia / Manoel de Barros. — 1^a ed. — Rio de Janeiro : Alfaguara, 2019.

ISBN 978-85-5652-092-0

1. Poesia brasileira I. Título.

19-28227

CDD-B869.1

Índice para catálogo sistemático:

1. Poesia : Literatura brasileira B869.1

Maria Alice Ferreira — Bibliotecária — CRB-8/7964

[2019]

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARCZ S.A.
Praça Floriano, 19, sala 3001 — Cinelândia
20031-050 — Rio de Janeiro — RJ
Telefone: (21) 3993-7510
www.companhiadasletras.com.br
www.blogdacompanhia.com.br
facebook.com/alfaguara.br
instagram.com/editora_alfaguara
twitter.com/alfaguara_br

Os brilhos de Manoel

7

Mia Couto

MATÉRIA DE POESIA

11

I. Matéria de poesia

15

II. Com os loucos de água e estandarte

25

III. Aproveitamento de materiais

e passarinhos de uma demolição

35

Cronologia

55

Fotografias e documentos

63

Relação de obras

75

Bibliografia sobre Manoel de Barros

77

Índice de títulos e primeiros versos

89

Os brilhos de Manoel

Lembro-me de, nas longas tardes da minha infância, ser levado para a Estação dos Caminhos de Ferro onde o meu pai trabalhava. A ideia era eu usar uma das velhas secretárias do seu gabinete para, sob a sua vigilância, fazer os trabalhos da escola. A minha mãe acreditava ingenuamente que tudo correria bem debaixo do policiamento paterno. Enganava-se. O meu pai era um poeta. Ele estava, sim, com pressa de sair da clausura do gabinete, ansiava escapar daquela cinzenta existência de funcionário. Constantemente ele me interrompia a caligrafia: ainda demoras?

Assim que eu terminava, lá me levava ele a passear ao longo das linhas férreas, os olhos míopes catando pedrinhas brilhantes que tivessem tombado dos vagões de minérios. E era tal o seu empenho que, naquele momento, o meu pai se convertia num outro menino. Os nossos dedos se tocavam enquanto buscávamos brilhos no meio das cinzas e das poeiras do chão. Os nossos dedos eram asas.

Eu adorava aquela clandestina caçada. Porque ela me entregava uma criança onde antes existia um pai, me entregava um cúmplice onde era suposto haver um disciplinador. À nossa volta havia a guerra colonial, havia um mundo que desmoronava e ali estavam duas criaturas empenhadas a catar brilhos entre o restos de lixo, como se desse serviço dependesse o destino do Universo. Sem saber, o meu pai me oferecia, naqueles momentos, a mais importante lição de poesia.

Nessas longínquas linhas férreas, em plena savana africana, eu preparava, sem o saber, o meu futuro encontro com o poeta Manoel de Barros. Porque não era apenas de poesia a lição que do meu pai recebia. Era de um sentimento do mundo que reencontrei, mais tarde, nos versos de Manoel de Barros. Quando me estreeei na leitura da sua poesia, foi como se os meus dedos regressassem aos brilhantes *inutensílios* habitando a poeira do chão. Como se reinstalasse esse reino de beleza que nasce da inutilidade. Como se o sonho se impusesse como uma outra racionalidade.

Os livros de Manoel de Barros confirmavam que a poesia não mora apenas nos versos. A poesia mora no mundo. E esse mundo é feito de mundos diversos com idiomas ainda mais diversos. Nesse caleidoscópio de razões e *ignorâncias*, o poeta semeou uma infância que escapa ao Tempo como o vento se esquia da peneira. Essa infância não é apenas a de um olhar. É a infância das palavras, esse limbo onde tudo pode ainda ser tudo.

Fala-se muito da capacidade de criação de neologismos do poeta do Pantanal. Creio que o seu mérito é bem mais do que a conquista do novo vocábulo. Manoel revela toda uma língua que não há para nomear criaturas que existem numa dimensão que, sendo onírica, é tão real como qualquer outra. É sobretudo esse dom de revelação que me transporta para a minha infância, para essa busca infinita de brilhos na poeira.

É este testemunho feito de emoção e gratidão que gostaria aqui de trazer. Há anos atrás escrevi um poema dedicado ao poeta, chamado “Um abraço para Manoel”. Estas palavras permanecem atuais. Por isso, as reproduzo:

Dizem que entre nós
há oceanos e terras com peso de distância.
Talvez.

Quem sabe de certezas não é o poeta.
O mundo que é nosso
é sempre tão pequeno e tão infinito
que só cabe em olhar de menino.

Contra essa distância
tu me deste uma sabedora desgeografia
e engravidando a palavra africana
de tudo me tornei tão vizinho
que ganhei intimidades com o teu chão brasileiro.

E é sempre a mesma Terra
a mesma poeira nos versos,
a mesma peneira separando os grãos,
a mesma infância nos devolvendo a palavra,
a mesma palavra devolvendo a infância.

E assim,
sem lonjura,
na mesma água
riscaremos a palavra
que incendeia a nuvem.

Mia Couto

Maputo, janeiro de 2019

Este texto foi utilizado na 43ª Ocupação do Itaú Cultural (fevereiro a abril de 2019), em São Paulo, que homenageou Manoel de Barros.

MATÉRIA DE POESIA

A Antônio Houaiss

I. MATÉRIA DE POESIA

1.

Todas as coisas cujos valores podem ser
disputados no cuspe à distância
servem para poesia

O homem que possui um pente
e uma árvore
serve para poesia

Terreno de 10 x 20, sujo de mato — os que
nele gorjeiam: detritos semoventes, latas
servem para poesia

Um chevrolé gosmento
Coleção de besouros abstêmios
O bule de Braque sem boca
são bons para poesia

As coisas que não levam a nada
têm grande importância

Cada coisa ordinária é um elemento de estima

Cada coisa sem préstimo
tem seu lugar
na poesia ou na geral

O que se encontra em ninho de joão-ferreira:
caco de vidro, garampos,
retratos de formatura,
servem demais para poesia